ANO II—N.º 33 | 2 de JUNHO de 1945 | Avença | Preço 1$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Redacção, Administração e Proprietária—Casa do Gaiato do Pôrto—Paço de Sousa ■ DIRECTOR E EDITOR—PADRE AMÉRICO ■ Composição e Impressão—Tip. da Casa Nun'Alvares—R. Santa Catarina, 628-Pôrto

CRÁPULA

Ao calor do sol e bafo dos companheiros, crescem futuros dirigentes da Obra

A OBRA DA RUA, que se afigura de tão largos horizontes para a maior parte das gentes, não é, porém, tomada nessa conta por certos e determinados, na terra onde ela há dois anos se instalou, com a Casa do Gaiato das Ruas do Pôrto. Não é. Ali, é um bocadinho execranda. Em má hora, diz-se, se lembrou fulano (o fulano sou eu) de trazer para uma terra tão linda e de tão nobres tradições, os tarados, os viciosos, os imbecis—crápula. Esta mesma palavra e seu desdobramento, foi ouvida por nós, da boca de alguém, muito aborrecido e muito descontente, por via da triste empreza a que eu metera ombros: —o rebotalho em Paço-de-Sousa.

Ora eu, antes de me instalar no Norte, já tinha a experiencia da Casa de Miranda e sabia perfeitamente que a dita crápula *me não havia de deixar mal, mesmo em* terras de nobres tradições. *Muito às avessas, os nados e creados no lugar onde estamos, é que se teem descomposto um nadinha, na presença destes seres* perigosos. *Assim, a nossa capoeira, já foi por duas vezes assaltada, com exito total em uma delas. A nossa mata, escalada. De uma vez que o Sérgio ali foi increpar uma mulher, tais palavras ouviu que se veio embora, horrorisado; êle, cisco indesejável. A nossa canalisação de água, foi criminosamente violada por um habitante da terra de* nobres tradições. *Temos tido ocasião de despedir da nossa casa, por actos desonestos, auxiliares indigenas, apontados e repelidos pela* crápula *que cá mora. De onde se conclue que o perigo social que este pequenino mundo oferece, não se encontra tanto nêle como naqueles que o afastam.*

Estas infinitas legiões de mocidade portuguesa, por menos afortunadas, não podem ser repelidas, pois que são a nossa porção. Não é de forma nenhuma a desigualdade que desiquilibra o fiel da balança; é mas é a injustiça. Ora nós seremos tanto mais injustos quanto mais cruelmente nos afastarmos dos da nossa carne.

O Evangelho tem aqui tôda a sua força. Jesus de Nazaré abriu as portas de um novo mundo, quando mandou sentar à nossa mesa aquêles que não podem retribuir. Quem não entrar por esta porta, não compreendeu a essencia dêle, nem a responsabilidade do nome de cristão. De nada vale envergar opas de seda, ser-se juiz de irmandades, ter capela em sua casa, como, em regra, são e teem muitos dos que não querem nada com a crápula; e são tão faceis em produzi-la!

São os sublimes do mundo, de fimbrias imaculadas que se não querem sujar na poeira dos caminhos, e sujam as fontes onde o povo bebe!

São os herdeiros de grandes fortunas amealhadas por outros, que nunca experimentaram a doçura de comer pão feito de suor; e cuidam que na verdade merecem aquilo que disfrutam. Daí, a cegueira.

Se são muitas, as causas dos atropelados do mundo, como dizem os mestres de sociologia, esta sorte de cegueira não é de todas a menor. Não é.

Mas, felizmente, estes reparos ao mal que fazemos, são autenticas aberrações. Salvo um punhado de senhores e de senhoras dos tempos do arco da velha, tudo o mais quere ser da nova lei. Hoje sabe-se onde está o verdadeiro mal *e combate-se eficazmente o perigo. Como? Debruçando-se cada um sôbre a fraqueza dos deserdados. E' preceito do Senhor.*

O Estado, também assim o entende. Os problemas de assistencia ao nosso semelhante, estão na primeira página do livro.

Governo e seus Homens, procuram sinceramente desenterrar as tabuas da lei. Nunca se viu como agora um desejo tão activo de melhorar o que está e de fazer mais e melhor. Doenças físicas e morais que atacam a humanidade, começam a ser sentidas e até sofridas, pelos que podem e querem aliviar. Os nossos proprios irmãos das prisões, encontram agora *em muitas delas ambiente mais compreensivo, de expiarem as suas culpas.*

A sorte dos leprosos, dos cancerosos, dos loucos, dos tísicos, coisas nossas que nos afligem —nada disto entrava no Parlamento. Não entrava, que havia lá um negócio *muito mais* sério, *qual era o de saber-se quem havia de ser o maior no reino de Portugal. Que o diga a Senhora D. Amélia quando, naquele tempo, procurou interessar o governo na sorte dos estropeados. Ela, que vem agora ao pé de nós, ver o sangue que deixou na sua via dolorosa—Ela pode falar.*

Começa-se hoje a estimar o sorriso da creança. Vê-se hoje a intenção de nos tornarmos compassivos da triste herança destes seres humanos e de evitar que ela, a herança, aumente no abandono das ruas. Compreende-se hoje, ser impossivel que uma sociedade possa respirar, se não chama para junto de si, no tempo próprio e com meios adequados, todos quantos são da Comunidade. Não é fazê-los iguais, que isso vai de encontro às leis da natureza; é coloca-los no seu meio. Hoje, sim, há êste movimento. Nota-se sobejamente na letra de decretos, nas afirmações de discurso e na vontade dos homens com letra maiuscula. Os tais cavalheiros que, por muito empestados teem medo da peste, êsses não contam.

Mandei a Coimbra um rapaz. Chegou a casa com dinheiro a mais.

—Que é isso?

Fora um senhor que na estação lhe preguntara quem êle era e como o rapaz dissesse ser da Casa do Gaiato, aquêle senhor deu-lhe um abraço e pagou as despezas da viagem. Sim. Hoje *procura-se ser compassivo e evitar que a triste herança destes seres, seja aumentada no abandono das ruas.*

Pois meu senhor, tome lá o abraço que deu ao meu filho, em Coimbra, o qual vai agora mais quente, por ter passado pelo meu coração! Assim se combate a crápula. Como? Aproximando-nos dela. Assim se dá testemunho de Cristo. Como? Fazendo o que Ele manda.

Tudo o mais, é água benta.

Gabinetes de leitura

Não creio que haja em Portugal casas de educação, com tantos gabinetes de leitura como a nossa.

São os próprios rapazes que os fazem. Não sei quem é que se lembra de nos mandar de vez em quando A BOLA, o SPORTING, o STADIUM e mais coisas dos seus amores. Pois nesses dias, formam-se «gabinetes». Estendem o jornal no chão. Fincam-se nos joelhos e cotovêlos e desta sorte, à roda das noticias e das figuras, a discussão é tal que é preciso vêr para acreditar. Faz bem!

DO QUE NÓS

necessitamos

Na Casa de Paço de Sousa, têmos em uso uma máquina de costura, das primeiras que saíram das fábricas Singer. A nossa costureira, atribue-lhe 60 anos de existência, refila e séca uma figueira com tanto lamuriar. Eu, que oiço tantas outras, muitas outras lamúrias, muito gostaria de ser poupado a esta. A Casa do Pôrto, está ótimamente servida, graças a Alguém de Lisboa. Oxalá pudesse eu dar graças aqui, pelo mesmo objecto, a Alguém do Pôrto!

Mais de Oliveira de Azemeis, um presente de boinas, — e que lindas! Ao voltar costas da rouparia, onde fui entregar aos roupeiros, ouvi logo grôsso sarilho: — *esta é para mim!* Mas não é, não senhor. São para quem se destinar. Na nossa república, por ora, há rei e há roque. Mais numa ida de algumas horas ao Pôrto, 100$ numa loja, e outro tanto na rua, e 20$ no electrico, e idem no Imperial, e idem na Batalha. Mais oiro, entregue na própria casa que vai executar a peça. Mais uma medalha de oiro, entregue na Casa do Pôrto. Mais no Depósito, um pacote de roupas, duas bolas de *foot*, um pincel, navalha e assentador. Muito bem. Dentro em breve, teremos ocasião de usar esta sorte de ferramenta. Antes assim não fôsse! De uma vez, certa Mãe apontou-me com os olhos um seu filho, e disse: *quem m'o dera sempre assim!* Ele teria uns doze anos.

Outra vez no *depósito*, um pacote com linho precioso e 50$00 e uma pequenina rosa de oiro. Tão linda, que m'a pediram para modêlo e eu disse que sim. Quem me dera espalhar beleza. Que seria dos nossos olhos sem ela?! Mais do Estoril 100$ *para a despêsa do jornal*. Sim, meu Senhor; fêz muito bem. Nós não têmos, é verdade, as despêsas das grandes reportagens, mas têmos, sim, de dar de comer ao ilustre corpo de redacção, o que vem a dar na mesma. Fêz muito bem, meu Senhor. Mais de Espinho 100$ *para essa obra grandiosa*. A grandeza desta obra, vem tôda da vista do nosso Bom Deus.

Mais 500$ de uma visitante, a qual deixou num seu cartão que, *sendo Inglêsa, gostaria que os seus queridos pequenos se lembrassem do fim desta tragédia*. Mais 20$ de Oliveira de Azemeis. Mais 20$ *destinados aos nossos pobres*. Mais 500$ no Banco Espírito Santo. Mais mil de Lisboa. Mais 100$ nas ruas do Pôrto. Mais mil escudos no Banco Espírito Santo.

Pesou-se o oiro; três quartos de quilo de relíquias de santos. Centenas de pequeninas peças, cada uma com a nota de quem tinha sido: *Era de meu Pai. Foi de meu Marido*. Relíquias. Faltam, ainda, cento e cincoenta gramas para o pêso total que o fabricante deseja. Já tenho uma pequenina medalha para esta conta, a dizer *se mais tivesse mais dava*. E' a primeira bola de neve.

Mais um saco de café de S. Tomé, de Lisboa. São quatro arrôbas! Mais uma cama de ferro de Casaldêlo. Mais 400$ dos alunos de um colégio do Pôrto. Mais 100$ de alguém de S. João da Madeira, para ajuda das injecções de caldos de galinha que estamos aplicando ao pequenino Fernando, daquela terra. E quere saber pelo jornal, o dito *Alguém*, como o miúdo se tem portado. Não pára quieto. Ninguém o segura na enfermaria, o que é muito bom sinal, sim. Mas, — 14 quilos de pêso e 7 anos de idade!

Mais 100$ do visitantes de Coimbra. Mais 50$ idem do Pôrto. Mais 40$ idem de Braga. Mais mil também de um visitante de Braga. Este, é aquêle mesmo Senhor que uma vêz, no Combóio e a caminho de Lisboa, puxou da carteira e deu igual soma. E é estranjeiro! Também trouxe uma enorme pancadaria de rebuçados. Mais, ainda de visitantes, uma caixinha de lindos objectos de oiro, *onde vai tôda a minha alma*. A alma é a pessoa. Pessoa, a raíz de todos os sentimentos. Mais 20$ do Pôrto. Mais *um alentejano de 14 anos envia a sua bicicleta*. De onde menos se espera, é que sai o coelho. Nunca esperei a desejada bicicleta, de tão longes terras! Vou mandar por ela à estação e cá estou para os infinitos sarilhos que o objecto tem necessàriamente de causar entre os nossos.

Uma bicicleta!!

A necessidade é que me obriga a importunar os leitores, agora, com um *Kodak*. Eu digo porquê. O meu actual companheiro. P.e J. Fatela, sabe de tudo. Ele no campo, êle nos pomares, êle nas obras. Ele arranja máquinas de tôda a ordem. Ele põe o rádio a andar. Ele tem carta de motorista; — e sabe de fotografia. Ora aqui é que está. Nós queremos dar todos os quinze dias uma pequenina sessão cinematográfica aqui no jornal. Ele o jornal, já tem a vida; faltam as imagens. Ora, essas só com a máquina fotográfica. Noutros tempos, deram-me em Coimbra uma ótima, que rendeu 4 contos. Soubesse eu o que hoje sei; que me não me desfazia dela!

Aqui deixamos o pedido. Se alguém pretender ver a cara dos muito garôtos que já conhecem de nome, uma vêz que tenhamos o aparelho e quem saiba mexer-lhe, é muito fácil realisar seus simpáticos desejos. *Olhe mande a cara do Tiroliro*. E vai a cara do Tiroliro. *Mande a do Gari*. E vai a do Gari. *Agora, venha a do cigano*. E vai na volta a cara do *cigano*, que é a mais feia que nós cá têmos em casa. E também pode ir uma ninhada de pintaínhos, um bando de pombos, um rebanho de ovelhas. E' só não ser sonoro, quanto ao mais, é cinema.

Mais no *Depósito* uma aliança de oiro e mais uma aliança de oiro e mais uma cruz do oiro, com êstes dizeres: «Tenho pena que Braga não conheça a fundo essa tão querida obra! Porque não manda você alguns dos seus rapazinhos vender lá o Gaiato»?

Sim senhor, mando. Basta que a *Maria de Braga*, nome que vem na carta, diga quem é e se me proteje na na cidade os primeiros vendedores.

Mais outra vêz no *Depósito* um par de botas, e dois aneis de oiro, mais 10$00, mais um estôjo de barba. Mais de Freixo de Espada á Cinta 20$ por carta. Mais 100$00 e mais nada.

NOTICIAS DIVERSAS

A nossa casa, aos domingos é um inferno... sem pênas. Os cozinheiros, costumam pôr ao pé do fogão, sobre um banco, a grafonola.

Os refeitoreiros ligam o rádio para o refeitório. Dos campos de jogos, sobe o barulho da bola. Os pastores na mata, falam aos bois em voz alta. Os sem-ocupação, pela idade, passam horas a chapinar, à beira dos nossos tanques. Isto não se acredita, se não fôr visto!

E se nós aqui tivessemos toda uma côrte de empregados a tomar conta, que o mesmo é dizer, a cortar as azas e impedir o vôo dêstes que muito bem podem vir a ser águias no espaço, oh que desgraça!

■

CHEGOU hoje à nossa portaria um dos da marca. Tiroliro anunciou e eu mandei entrar. Estavamos à mesa. Fez-se silêncio à entrada do viajante. *Sou de Vizela*, disse. Mário, recebeu a comissão de o rapar. Queimou-se-lhe a roupa que trazia e tivemos de o deixar ir. Tinha! Dá pena!

■

A galinha que abandonou os pintainhos, como o João Francisco informou, não foi boa mãe. Seis dêles desapareceram. O pequenino guarda tem quebrado a cabeça em piedosas investigações, dentro e fora de casa, sem resultado! Ficou só um.

Andamos agora *com galinha*. Tinhamos uma ninhada de ovos de pata no chôco. Suspirava-se pelo dia, sobretudo cozinheiros e refeitoreiros, que são a tropa que mais anda a par dêstes negócios. Pois tanto apertaram o tempo, tantos tratos deram à galinha, tanto mexeram e remexeram, que só um ôvo vingou!

Lição: Não mais tornamos a aninhar galinhas na cozinha.

■

O Zé Eduardo é o meu ajudante de Missa. A's tantas, aparece. A princípio não, mas hoje é pontual.

Traz a indumentária do estilo: Risca muito bem feita, pés à vela, calção e blusa e, de vez em quando, o adoravel descuido da fralda de fora! Eu deixo ir assim para o altar.

■

O Domingos veio aqui agora mesmo, triste e indignado: — *Olhe o que o Pereira levou para a escola*.

Era um passarinho! Tinha-o escondido no seio, muito agachadinho, mas como quer que pisasse, o Domingos ouviu, desconfiou; e o resto já se sabe.

■

UM gato preto que nós cá temos, apanhou uma pomba nos dentes, e foi devorá-la para uma das camaratas, metido debaixo da cama do *Gari*. Oh! mar de pênas, quando por ali passei, manhã seguinte. Pênas da pomba. Pênas dos garotos: *olhe a nossa pomba!*

■

MAIS pênas: Um boi esborrachou um pintainho, ao passar junto da ninhada. Um passarinho que um rapaz de fora deu ao Francisco e êste agachou debaixo da galinha, apareceu asfixiado no dia seguinte.

Veio um pombo estranho e levou uma das nossas pombas. Outros, teem levado a cabo identicas aventuras! Os rapazes querem uma espingarda. Mas a pêna maior de tôdas, é ver o único patinho que saiu das cascas, deslocado no meio dos pintaínhos, sem ter com quem conversar!

■

O nosso cão levantou um coelho na mata e o Celorico deu atrás dêle e correu, correu, correu até o apanhar na toca de um muro. O facto foi muito apreciado pela malta. O cozinheiro-chefe tomou conta.

■

FOI transferido para Miranda um dos nossos. Eu estava em cima, a uma janela. Eles não me viam. Mas vi eu com os meus olhos pecadores, o rapaz que se ia embora, de mala aviada, a dar um abraço e um piedoso beijo na face consternada de um punhado de companheiros, que desceu à portaria a despedir-se. Eu sou testemunha deste facto. Ai de mim se mentisse!

Quem sabe medir o Bem que faz às almas, — ou o Mal?!

O transferido seguiu caminho a limpar as lágrimas com um lenço de mão, sem ter coragem de se voltar, não fôsse, com o movimento, abrir mais a chaga!

Nem eu sabia que êles se amavam tanto! *Vêde como êles se amam*. Eis o reparo que os pagãos daquêle tempo faziam à vida dos pioneiros cristãos, — e faziam-se cristãos. Oh! mundo. Por êste amor que te revélo. Por esta página do Evangelho. Por êste sinal da Cruz. Por tudo isto, ama e faze-te cristão.

■

EU gostaria que tôda a gente viesse à nossa casa, no dia em que chega *O Gaiato*. E' bem o nosso jornal. A tropa delira. Os que não sabem ler, morrem de pêna. Os que soletram, puxam pelas silabas. Os *mestres*, retiram-se a saborear. E' no campo. E' no refeitório. E' nos recreios. *Olha, eu venho lá!*

■

CONTEI. Eram 15 garotos. De nada fazem tremendo espanto. Uns em cima de bancos outros empoleirados nas ripas, outros suspensos nas telhas; *Sr. P.e Américo, venha ver!* Era um ôvo de pomba no telhado de uma casota.

■

HOJE de manhã, chegou um verdadeiro delirio a nossa casa onde assentou arraial. *Sr P.e Américo, já estão sete! Já estão oito! Já estão nove*. De que se trata? Uma ninhada de bácoros! Os nossos garotos comparticipam frenèticamente em tudo quanto tem vida, daí, a vida feliz que aqui disfrutam. Educadores de juventudes, deixai os vossos educandos folhear livremente o livro da natureza viva: — galinhas, patos, ovelhas, porcos, gatos, passarinhos, borboletas. Não como quem estuda zoologia, mas sim com interesse, com contacto, com carinho, com alegria. Assim se fazem homens de bem. E', até, pela familiaridade simples destas vidas creadas, que os pequeninos chegam mais tarde, à intimidade do Creador.

■

ERA a hora de recolher e, de facto, estavam quási todos nos seus dormitórios. Eis senão quando, grande matinada! Eu estava no refeitório. A tropa avança, Rio Tinto à frente, com não sei quê embrulhado na boina. *Apanhei-o. Tem dentes*. Era um morcêgo!

Peço desculpa aos meus queridos leitores de os importunar com estas coisas tão somenos, mas é que recebeu-se há dias uma carta de Lisboa a pedir com instância um número que não chegou ao destino, porque *não quero perder nenhum acontecimento da Casa do Gaiato*. Nem eu, a ocasião de os dar. Ora eis.

Uma notícia de importância

Em um dêstes derradeiros dias, P.e Adriano Antunes, de Leiria, P.e Joaquim Fatela, da Guarda, mais eu, fômos aos Bispos de Coimbra e do Pôrto pedir a bênção e a seguir, cumprimentar os párocos das frèguesias onde têmos casas. Era agora ocasião de chapar aqui os nossos retratos e fornecer as notas biográficas de cada um, o que gostosamente faríamos, se na verdade tivessemos quê. Mas não. Basta que os leitores saibam que a continuação da *Obra da Rua*, está assegurada. Sómente um caso, para dizer quem somos e o que queremos: Pedi a um dos meus companheiros, que fôsse à sucursal do Pôrto, escolher a maneira e lugar de distribuír as camas, antes de abrir a casa. Foi. Escolheu as salas principais e deu a razão: *Para êles o melhor; nós estamos para servir*.

Ouvi estas normas verdadeiramente celestes, da bôca do meu companheiro, num estuante desejo de me prostrar e beijar o chão! Aqui está todo um programa do Evangelho.

Não sei quando é que o Pai Celeste vai enviar mais obreiros, mas *sei* que todos quantos vierem, hão-de trazer a marca de fôgo.

Aqui há tempos, no Pôrto, quando ia a mergulhar no Barrêdo, alguém avisa-me: *oh padre, por aí não. Isso é uma porcaria*.

E que porcaria! Mas pregunto: quem há de limpar, senão sómente os sacerdotes de fôgo, com o fôgo que Cristo Jesus trouxe, — quem?

Em Sodôma e Gomôrra não teria sido assim, se houvesse naquêle tempo Eucaristia. Só os homens que lavam as mãos no altar, porque as lavam, podem, hoje, trabalhar pela transformação *daquela gente*. Esses homens, somos nós, ministros da Eucaristia. O mundo está á espera. A hora é nossa.

As autoridades civis tremem. Alarmam-se com a crescente avalanche de um mundo infantil e já prostituído. Querem sinceramente fazer alguma coisa por êle. E nós que fazemos? Nós, *o sal da terra*, guardamos as chaves da verdadeira, *da única* porta que salva e deixamos que outros entrem por portas falsas!

Quem há-de dar a alma por êstes amôres, que só se perdem porque os não amamos?! Por isso o mundo não nos acredita!

CRÓNICA DA NOSSA ALDEIA

POR JOSÉ EDUARDO

POBRES DE CRISTO

CONTINUAMOS a visitar os nossos pobres protegidos.

O de Bairros sempre que cá vem pede mais arroz do que feijão porque é para o neto. Tenho-me esquecido de dizer que êste pobre além de ser assim velho como é, é amolador de facas, navalhas, conserta guarda chuvas e outras várias coisas. O de S. Lourenço era o coveiro do cemitério de Paço de Sousa. Contou-me a sua vida enquanto era novo e robusto e como deixou de ser coveiro da dita frèguesia. Tinha sido por doença, apenas uma constipação que resultou uma pneumonia. Era socorrido por uma alma caridosa mas de tanto dar aos pobres ficou quási como êles.

A do Assento continua na mesma doente. Os filhos andam todos rôtos e eu pedia aos queridos bemfeitores que tanto me têem ajudado a socorrê-los se me satisfaziam êste último pedido.

A senhora que deu a bola ao Oscar vai-lhe dar outra porque lha arrebentaram a que tinha.

O Carlos Inácio foi a Paredes vender «O Gaiato» mas veio triste. Tinha vendido só três exemplares. Pudera! O dia estava também triste para a venda. Chovia muito.

OUTRA senhora de Paço de Sousa deu ao Oscar e ao Ernesto dois gatinhos muito bonitos que êles tratam com gôsto para que venham dar uns bons gatos.

O Carlos Inácio foi ao Pôrto e fêz uma bela venda. Foi por isso que indo a Parêdes só vendeu os já citados exemplares. Diz êle que não conhecia lá nada e por isso nada vendeu. No Pôrto vendeu duzentos e dois.

O Sérgio, o maioral da Casa do Gaiato foi para Miranda e quem ficou a ser o maioral foram o Fernando, e o Rio Tinto ajudante dêle.

ANDA há muito um pombo de fóra junto com as nossas pombas. Há já muito tempo, ainda cá estava o Sérgio, êle queria fugir com uma pomba das nossas mas enganou-se, porque o Sérgio pegando numa espingarda disparou mas a bala era chôxa e não o matou. Foi o que lhe valeu, porque se não já estava no papo.

O Machado e o Gaspar, que estavam na Casa do Pôrto a curarem-se da tinha, moléstia contagiosa, já chegaram nêste mês, curados, não por completo mas quási curados. Vieram com os que tinham ido vender o Gaiato.

Dois quadros

DOIS quadros de beleza: os nossos dois cozinheiros a descascar batatas, cada um com seu gatinho sôbre a nuca. Estes a dormir, como se fôra no regaço da mãe. Aquêles em silêncio, como quem tem de pôr na mesa, ás tantas, o jantar.

O nosso campo de linho florido. Imensas borboletas brancas, volitam sôbre o azul das flôres. Bandos de pequeninos trocam-se os olhares de indizivel alegria, ao olharem as borboletas. Se a pobresinha ciência não sabe o que são vitaminas, como há-de compreender *estas* vitaminas da alma?!

Assinaturas Pagas

"Quando chego a casa e encontro um novo número de "O Gaiato", não descanço enquanto o não leio. Leio de ponta a ponta. Leio as listas dos assinantes. Leio tudo. Faz-me o efeito de um balsamo".

E como esta, dezenas de cartas, de homens de categoria, as quais rasgo imediatamente.

Nem sempre, nem a tôda a gente, convem dar à doutrina do Evangelho, o tom solene das grandes circunstâncias. A's vezes, é necessário dá-lo despido, liberto, vivo. Desta sorte, é força que a todos arrasta, comida que todos saboream. E' questão de a saber dar!

Cristo ressucitado, deixou ficar a mortalha a um canto do sepulcro, sinal de que a não quere. Mas, de onde vem o "balsamo" desta leitura? De onde, gritos como êste, em uma outra Carta: "Agora reconheço que o seu jornal é o meu bem". De onde, tudo, senão de um conceito universal, e compreensão divina, que estão dentro da Palavra do Mestre, pela qual os homens que o não eram, se tornam piedosos!

A leitura pode ser continuada, sem receio. Não há êrro na Obra da Rua. Não pode haver êrro. Se o houvera, o nosso Bom Deus teria deixado de ser generoso para com ela, como tem sido desde os seus primeiros vagidos.

Há, sim, quem duvide. Quem gostaria de a ver em pantanas, e o jornal também. Há, sim. Não é por mal. E' medo da luz e mais nada. Mas que haja erro na obra ou no jornal, — isso não.

Continua a "bicha" dos homens de palavra. Alguns explicam-se com muita eloquencia, o que de maneira nenhuma significa que os mais a não tenham, que teem. O que marca, na esmola, é o sacrificio.

Joaquim Fernandes Barbosa J.or, Granja, 40$; Abel Domingos Teixeira Ramos, 20$, Joaquim António Rocha, 20$; José António Rocha, 20$;—todos da Granja. Joaquim da Oliveira Rocha, Praia da Granja, 20$; Padre Manuel José de Pinho (jornal e «Pão dos Pobres). Grândola, 160$.

Maria da Cunha e Silva, Paço-de-Sousa, 40$, Maria Natália de Sousa Pereira, 20$; Beatriz de Sousa Pereira, 20$; Carolina Pinheiro, 20$; Maria Ondina Pinheiro de Magalhãis, 20$; Beatriz Rebelo, 20$; Artur Teixeira da Costa, 20$;—todos de Serrinhha. Joaquim Pacheco Moreira. 50$; Cesaltina Santos Silva, 10$; Maria Evaristo P. Vieira, 10$; Maria Teresa Gouveia 10$; Maria José Vales Fernandes, 15$; Maria Eugénia Marques, 10$; Maria Judite Monteiro, 10$; Maria Helena de Oliveira e Sousa, 25$; Dr. Alfredo Ary dos Santos, 100$; Maria Helena Machado Vidal, 1.000$; Maria Benedita Alves Pereira, 12$; Alberto Malheiro Dias, 30$; José Ribeiro. 20$; José Bernardo Figueiredo Lôbo. 30$; Menino Miguel Machado, 20$; José Maria Ferreira da Silva, 25$; Luís Lopes, 20$; Manuel Cunha, 20$; Emílio Louret, 25$; Menino Oscar Afecto, 15$; Manuel Mendes, 12$; Eduardo, Baptista. 30$; Empregados da Secção de Registos, 30$; António Fernandes Machado, 30$; Manuel Rocha, 30$; Maria Luísa Supico, 70$; Sara Calisto, 20$; Aurora Nogueira Lopes Pereira, 26$;—todos de Lisboa. Lídia Valadares Souto, 20$; Laura Meireles Dias, 25$; Laura Azevedo Maia, 25$; António das Neves Graça Júnior 25$; Artur Gonçalves da Silva, 100$; Carlos Ferreira da Silva, 20$; Armando Madureira, 50$; Eduardo Leite. 20$; Alfredo Jorge Machado, 50$; Teresa Salvador Oliveira (1944 45), 50$; Virginia Gomes Ferreira, 25$; Raúl de Almeida Correia, 100$; Dr. Avelino Soares, 100$; João dos Santos Pereira, 25$; Emiliano Arruda, 2[illegible]$; Carlos Augusto Fernandes, 20$; Alfredo de Azevedo Júnior, 300$; Ofélia Soares, 50$; Emília Santos, 50$; Aarão Moreira de Magalhãis, 50$; Manuel Joaquim de Sousa Magalhãis, 50$; Alberto Dias Souto, 20$; Dr. Valdemar Pacheco, 40$; Dr. Arnaldo Braga, 100$; Manuel Carlos Lopes Martins, 50$; Avelino José Ferreira Marques, 40$; Angelo Marco, 4[illegible]$; Januário Vieira, 20$; Carlos Guimarãis, 30$; Joaquim Ferreira da Silva, 100$; Joaquim Carvalho, 25$; Luís Vigoço, 25$; José Rosas. 50$; Jacinta Leão, 25$; Adriano Gonçalves 25$; Luís Guedes, 30$; Manuel Barros, 5[illegible]$; Lucinda Pereira Braga, 40$—todos do Porto. Maria Adelaide Semblano Pinto Brochado, 30$; Maria Emília Rezende 30$; Cristina Brochado Nobre, 40$—todos de Sinfãis. Maria Agueda Lopes Roseira, Vila Viçosa, 20$; Amélia de Castro Tavares de Sousa, Murtosa, 50$; Violeta da Murtosa, Murtosa, 100$; Augusto Aguiar Neves. Matozinhos, 50$; Manuel António Lopes, Lamas da Feira, 30$; Tenente Artur Rodrigues Gonçalves, (1944 45) Vila F. de Xira, 80$; Rachel de Melo. Odivelas, 25$; Paulina Cardoso de Figueiredo, Coja, 25$; Padre Nunes Pereira, Coja, 20$; Dr. João Antunes da Cruz Neves, Safara, 100$; Maria Adelaide Basto Amorim, O. de Azemeis. 24$; José Soares Pinto, O de Azemeis, (1944 45) 50$; Padre Artur Mendes de Moura, Sernache do Bonjardim. 50$; Maria da Conceição Pulido Vasquez, Barrancos. 20$; António Alves da Cruz (1944 45) 30$; *Lenine* Ferreira *Matafome* (1944-45) 30$; Manuel Rodrigues da Silva Veiga, 30$; António Maria Filipe, 30$; *Malta Brava*, 30$; Padre António Pereira Escudeiro, 30$; Manuel Ramos Moita Fazenda, 30$; António Maria Antunes, 30$, Aquiles de Sousa Dias (1944), 20$; Alexandre Manuel de Brito, 15$—todos de Alcanena. Miguel Rodrigues de Oliveira, Sangalhos, 50$; Albina Gomes, Lamego, 100$; Dr. Carlos Pinto Rezende, Lamego, 50$; Ana Camossa Nunes Saldanha, Lamego, 100$; Maria José Moura Lôbo das Neves, S. Miguel de Poiares, 50$; Maria de Castelo Branco J. da Costa de Almeida Azevedo, Aveiro, 2[illegible]$; Maria de Lourdes Faro Sacchetti, 25$; Georgina Esteves, Montemor-o Velho, 25$; Alzira Marçal Nunes Perié, Montemor-o-Velho 25$; Padre Vergílio Martins da Cunha, 4[illegible]$; Dr. Brito Amaral, 50$; Manuel Caeiro Rodrigues, 20$; Vergílio de Jesus Augusto, 10$; Dr. Manuel dos Santos Silva, 25$; Domingos de Carvalho 20$; Superiora do Hospital dos Vales. 20$; Maria Amélia Soares de A. Nunes da Ponte, 50$; Marlette Pavão Bandeira, 20$; Dr. Gustavo Neto de Miranda, 50$; Dr. José Perestrello Botelheiro, 50$; Dr. Amadeu dos Santos Veloso, 30$;

S. O. S.

Mais cartas a pedir normas, como se eu fôra mestre! Nesta ciência há só um Mestre, o mais são tudo irmãos. A «Obra da Rua» pode, sim, dar inspiração. Regras—não.

Não são sómente as cartas; é, também, a voz do povo. Noutro dia, em uma rua do Pôrto, aproximou-se de mim uma pequena andrajosa, da laia dos meus rapazes. Queria uma «senhinha», para ir comer à cozinha da Legião.

Acho graça a estes carinhosos diminuitivos—«senhinha, pãosinho, tostãosinho, farinhinha;» gloriosa enfase do nosso povo. Pois estavamos nós na praça publica a conversar, quando alguem me bate nos ombros:

«Isso, padre. Isso mesmo. Ampare essa desgraça». Era um trabalhador que passava. O trabalhador disse muito bem. Podia ter dito «ampare a rapariga», mas antes quiz falar em desgraça.

Sim. Ele sabe. Nós todos sabemos... por isso mesmo mais culpados somos. Há assuntos que, por escabrosos, não se lhes pode mexer. Muito menos descurar.

Pois que apareça a Mulher forte, confiante, silenciosa, pequenina, muito pequenina. Que não traga programa, para se cinjir ao que o nosso Bom Deus talhar.

Que tenha governado a sua casa para ensinar tudo quanto diz respeito à mulher. Asilos, não. Asilos é outra desgraça. De uma vez, fui solicitado para colocar uma ex-asilada. Entrou no emprego. Mandaram-na esfregar uma sala. Quê? «Eu esfregar?» E foi-se embora! As rézinhas e os trabalhinhos dos asilos, dão geralmente nisto.

LICÇÃO DO JORNAL OLIVEIRA

«Foi de trás da orelha», segundo a expressão do Elvas, que as tem sempre na ponta da língua, originais, chistosas, coloridas Quando estas creanças regressam da venda, semeadores do Bem e da Paz, são verdadeiras pistolas de palavra sêca, a explodir. Querem contar tudo ao mesmo tempo, e trazem imenso que contar. O Elvas disse que no «Rialto», uns senhores de Lisboa fizeram-no sentar à mesa, onde tomou café, e que um deles andou de volta e arranjou 225$00 para nós.

O Inácio, trouxe a noticia de que um senhor «muito forrêta» não queria comprar, por mais que um seu amigo insistisse. «Mas tudo saiu bem conta o Inácio. O amigo do «forrêta» pediu-lhe dez tostões emprestados, e mandou-me entregar-lhe o jornal e deu-me os dez tostões!

O Oscar, foi testemunha desta sublime hiperbole: «compra, que é o melhor jornal do mundo», atirada a um indeciso.

Um outro, traz recado da Barbearia X, a qual está disposta a fazer todo o serviço da sucursal do Pôrto, por amor dos gaiatos. E mais diriamos, se o jornal não fosse pequenino como é.

Tôdas as obras inspiradas na verdade, são luminosas como a própria verdade. Os nossos vendedores são lucernas. Cada um deles, um facho. Eles, a revolução.

«Já sabem o nosso nome», exclamam, quentes como veem dos vossos carinhos — os incognosciveis de ontem, perdidos no entulho!

Se choras ao lêr estas páginas de amor, não são as tuas as primeiras lágrimas. Outros há que andam mais depressa.

Despacharam mil e quatrocentos jornais.

Trouxeram assinaturas. «A senhora do costume», confiou ao Luciano uma preciosa joia. E' um formoso anel cravejado sôbre esmalte.

Os acrescimos subiram muito alto.

Dispenseiro

O Inácio foi nomeado dispenseiro, na falta do Mondim, o qual foi *transferido* para a Sucursal do Porto, *por conveniencia de serviço*. Nós usamos, sim, a terminologia consagrada e, até, a sublinhamos, mas o espirito é outro.

Pois o Inácio não é nada pêco e tem-se mostrado à altura do lugar. Na quinta-feira da Ascenção, ouvi-o eu responder aos da bicha, que refilavam por receber poucas cerejas: «*Tu não sabes que hoje não houve trabalho*?!»

Razão tem um assinante de Lisboa, que nos pede com muito interêsse um número que lhe falta e diz assim: *eu não quero perder um único acontecimento da Casa do Gaiato* Este, o da observação do Inácio aos seus irmãositos, não é dos mais pequenos. Note-se mais, para crédito do *dispenseiro*, que naquêle dia, não estava ninguém. A senhora tinha ido a casa da mãe dela. Um dos professores fôra de vespera para o Pôrto. Outro, saíu ao meio dia. Fiquei eu sózinho com a tropa. Mas êles de mim não fazem caso; eu também sou tropa! Ora se, desta sorte de *abandonados*, sem ninguém a quem temer, há um pequenino de 11 anos, que segura e conserva em boa ordem, uma Comunidade inteira. Mais. Só aquela criança domina e garante a hora buliçosa de uma refeição de pão e cerejas. Se tudo isto é verdade e eu, testemunho de vista não *posso* mentir. Se assim é, leitor amigo, que não deseja perder um único acontecimento da Casa do Gaiato,—registe lá mais êste.

Noticias da Casa de Miranda

Por João Carlos

A nossa conferência faz no dia 4 de Juuho um ano que foi fundada e por isso nêsse dia queremos dar uma esmola maior aos nossos pobrezinhos. Tencionamos também dar nêsse dia tudo quando tivermos em dinheiro e em géneros mas há-de ser pouco porque só em remédios e batatas gastamos cento e tal escudos Alguns dos nossos subscritores baixaram a esmola por nós têrmos reparado a casa à Tia Inocência mas graças a Deus o dinheiro dêles não nos fêz falta porque um Senhor do Pôrto que nos tinha prometido 100$00 mandou 200$00. Ficamos sem dívida nenhuma.

O Sérgio veio para a Casa de Miranda para trabalhar no campo. Na estação um Senhor que soube que êle era da Casa do Gaiato deu-lhe um abraço e pagou-lhe a viagem. Está muito contente. Brinca muito connôsco e já nos ensinou um jôgo. Ocupou o lugar do Freitas que foi passar algum tempo com a mãi.

O Mês de Maria na nossa capela tem corrido com muito entusiasmo apesar dêste ano não vir tanta gente como vinha no ano passado. Têmos ensaiado quási todos os dias alguns versos para cantarmos. O Altar está sempre muito bem enfeitado. Também ouvimos a voz de Fátima pelo rádio e gostámos muito.

TÊMOS cá em casa dois cãis. O mais antigo chama-se *Tachica*; o outro chama-se *Leão* que apenas tem 7 mêses e é maior que o *Tachica* que tem quatro anos. Muita gente chama ao Leão um burro porque é alto. Está todo o dia prêso para se fazer bravo para guardar a quinta. Mas à noite quando o soltamos vão passear os dois e não guardam a quinta e por isso esta noite os ladrões vieram roubar as batatas que estavam semeadas. Levaram 51 pés de Latateira.

O *Tachica* vai sempre à estação quando algum gaiato lá vai. No outro dia foi a correr atrás do combóio quási até Almalaguez quando alguns meninos foram a Coimbra vender o Gaiato. Quando vamos passear e alguém se mete connôsco, êle atira-se.

AS nossas oliveiras estão carregadas de flôr Há dias, uma grande pernada duma oliveira que nós têmos ao fundo das escadas partiu com o pêso. Os que varrem as ruas é que têem mais trabalho porque mal as acabam de varrer logo o vento as suja outra vez.

O Rui há dias andava a brincar na areia com o Tónio. O Rui achou uma coisa e chamou logo o Tónio. O' Tónio olha uma *missa!* (cruz)! O Tónio veio ver e respondeu: não é na a, é uma *máteca!* (marca, botão) foi se a ver e era uma medalha.

NÃO sei como é que o Senhor Padre Adriano arranja dinheiro para sustentar a Casa de Miranda. São quási 50 pessoas e as esmolas cá são menos que as do Pôrto. Aqui vai a lista das esmolas que esta casa recebeu nêste mês:

— Uma retalho para camisas, 50$ dum visitante, 15$ doutro e 5$00 doutro. 20$ da Louzã e 5$00 para a cêra em Miranda, 20$ de Matozinhos duas alianças de oiro e 20$ de visitantes, 50$ de Coimbra e 220$ doutros visitantes que nos trouxeram mais um gaiato de Penela.

O ARDINA

DIRECTORA: MARIA LUISA

Suplemento do «Gaiato», feito por ardinas, para os ardinas, gaiatos e... grandes! Na «Casa do Ardina» — Calçada da Glória, 39— LISBOA

Histórias de alguns

Antes de entrar para cá já era ardina. Certa tarde uma senhora preguntou-me se eu queria entrar para cá, eu disse que sim senhora e fiquei de lá ir no dia seguinte.

Quando cheguei, vi muitos rapazes e eu já conhecia alguns dêles; começaram logo a preguntar-me se vinha para cá para a Casa, eu disse que sim e êles deram-me bons conselhos: disseram-me para eu ter muito juizo, eu assim fiz e tenho tido juizo. A «Casa do Ardina» tem-me feito bem; e eu espero que assim continue sempre.

João da Conceição Ferreira — 15 anos.

Eu antes de vir para cá era um rapaz infeliz. Se não fôsse a «Casa do Ardina», nunca teria procurado tornar-me um rapaz bom. Eu de manhã andava na Ribeira a pedir peixe aos homens dos barcos para levar para casa para comer mais a minha família, pois meu pai ganhava muito pouco; só 11$00 por dia.

De tarde, ia para a venda dos jornais, depois vim para cá conforme já contei uma vez, e agora tenho sempre procurado andar com juizo. Quero bem à «Casa do Ardina» e aos meus superiores, e o meu desejo é vir a ser sapateiro.

Manuel Tomé—13 anos.

Boas novas!...

Temos mais um dos nossos rapazes a trabalhar!

E' o *Anibal de Jesus*—11 anos—para quem a venda dos jornais nos preocupava por êle sofrer um pouco do coração, apesar de tão novinho.

Passou-se assim:

Estavamos no nosso escritório na «Casa do Ardina», e entra-nos pela porta dentro o gerente de uma das nossas melhores lojas de chá de Lisboa, dizendo-nos: «Eu preciso de um rapaz sério e lembrei-me de lho vir pedir».

Os *nossos ardinas* já começam a ter fama da honestidade, graças a Deus!

Combinamos as coisas, o ganho, etc. Chamou-se a família do *Anibal de Jesus*, o escolhido, pelas razões citadas, — por se tratar de um trabalho mais leve do que os jornais. Ficou assente que o pequeno iria três semanas à experiencia, só então ficando efectivo.

Passados dois dias de experiência, mandou-nos um envelope com 50$00 pelo *Anibal*, que nos confia radiante: «E' um presente dos patrões para a nossa «Casa»!...».

Mais três dias, e o *Anibal* traz-nos um recado: «O patrão manda dizer que em eu tendo farda, a senhora me pode entregar «Gaiatos» para eu vender aos fregueses».

Mais um passo na conquista, pensamos.

No dia seguinte: «O patrão está tão contente comigo, que não espera pelas tres semanas. Mandou-me tirar medidas já para a farda».

Numa quinta-feira destas, chovia a bom chover, o *Anibal* aparece-nos à hora habitual, no fim do trabalho. Vinha com uma elegantíssima capa de borracha, radiante, feliz.

«—Olhe, minha senhora, o que o patrão me deu para eu não apanhar chuva!... Sabe quanto custou?...

Não foi tanto o prêço que nos abalou, mas a generosidade da ideia, o carinho da dádiva!...

Se todos os patrões a quem confiamos os ardinas fossem assim?...

Ficamos a sonhar com um mundó melhor, muito melhor, para o qual as «Casas do Ardina», poderão contribuir, se... nos ajudarem!...

Queremos abrir mais. Mais em Lisboa, no Pôrto, em Coimbra.

Quem nos ajuda?...

Continuamos a pedir:—cincoenta contos!...

e... bolas de Foot-ball!!

«No jogo é que se vê a educação...» — é um adágio bem freqüente e bem verdadeiro.

Já são duas vezes que temos ocasião de pôr à prova os nossos rapazes e, tanto de uma vez como de outra, ficamos contentes, contentes!...

Não sei se te disse que se formou na «Casa do Ardina» um grupo de foot-ball—*«Os onze unidos»*. Já teem equipes, emblemas, bola (faltam-lhes meias e botas. Quem no-las quer dar?...).

Jogaram pela primeira vez contra o grupo «Homens de A'manhã» da Casa de Pescadores da Caparica. Perderam, está claro, pois os treinos que permitimos são poucos. Mas perderam com linha, sem marcar uma única penalidade. Graças a Deus! A meio do jôgo, alguns já estavam descalços, pois os sapatos e sapatilhas rebentaram... (Novamente pedimos... botas!... que cada Club de Foot-ball nos dê um par. Valeu?) Não houve um amuo, uma desistência, uma violência. Ficaram consolados com a palavrinha de *parabens* que lhes demos!

Mas no domingo passado houve mais, muito mais. Foram desafiados pelo grupo dos «Azes» do Arco do Carvalhão. Rapazes pobres, rudes, do meio operário.

Ofereceram-nos um lindo ramo, disseram-lhes *palavras lindas* e entregaram-nos 20$00 para a «Casa do Ardina». Aparte dois jogadores, o grupo fazia tal diferença de tamanho, que o público protestou. Os *nossos* confiam-nos: «Nós jogamos mais, não se preocupe...» Entram em campo muito bem. A recomendação era a de sempre; muita linha, muita lealdade, muita alegria.

Alguém nos vem dizer: «Se não estivesse já conquistado pela «Casa do Ardina», tê-lo ia ficado hoje, ao presenciar a entrada em campo dos Ardinas. Um ia a excitar-se e logo outro lhe recomendou: «Calma, muita calma, se fazes favor!...»

De selvagens a civilizados, a educados desta maneira! Estou rendido. Quere-me para treinador dêles?»

Se queremos!...

O jôgo correu sempre nesta mesma calma, alegria, lealdade.

Perderam por 2—0. «Foi melhor do que da outra vez, mesmo assim...» — diz-nos um.

O *Carlos Alberto* diz-nos a rir: «Se êles teem feito jôgo alto, nós nem víamos a bola!...» «Portámo-nos bem?» — pregunta-nos o *Porfirio*.

Desfizeram-nos em elogios, que êles bem mereciam.

Do grupo dos «Azes» um destaca-se e vem dizer-nos: «Desculpe as duas penalidades, mas foi sem querer que cometemos as faltas, e desculpe se houve alguma violência ou indelicadeza da nossa parte. Eles mereciam ganhar. Jogaram mais do que nós, o que tivemos foi pouca sorte...»

Calcula a alegria com que ouvimos isto, a anunciar-nos que os *nossos já teem influência nos outros rapazes!*...

Ficamos contentes, contentes...

A «Casa do Ardina» ganhou, afinal!..

MARIA LUÍSA.

"O Gaiato,, foi visado pela Comissão de Censura

De como foi o regresso do Veiga

O Veiga, um dos nossos fugitivos de quem falamos no número anterior, esteve três dias exactos, a dormir á portaria da nossa Casa e a comer umas magras côdias, que o Tiroliro lhe passava pelas grades. Durante êsse tempo, tive no meu gabinete de trabalho a visita de várias *comissões* de rapazes, a salientar o regresso. A' noite, passavam-lhe um cobertor. Outros espreitavam por os claustros e vinham dizer, consternados, que êle estava a chorar! Isto durou três dias e três noites.

Um grupo de homens dêstes sítios, veio em piedosa romagem interceder: *olhe que o rapaz anda por aí cheio de fome,* — mas o forte não se rendeu e eu passei por cruel.

Vendo que não era atendido, o rapaz desata a mendigar pão e simpatias pelos visinhos, até que foi ter com o mestre de obras da nossa *Aldeia* a quem fêz uma confissão geral e pediu trabalho nas obras. *Ao menos quero trabalhar nas obras,* disse.

Por comum acôrdo entre mim e o mestre, o fugitivo foi recebido nas obras e comia por sua conta, em casa de uma família pobre. Serviu pedreiros uma semana. A' hora de despegar, não ia para casa como os mais, pois que não a tinha. Nunca a teve! Deixava-se ficar entre as novas construções, a mirar os companheiros, que numa hora infeliz, abandonara. Eu sabia que êle dormia num monte de fitas de carpinteiro e passava ao longe, durante aquêles dias de prova, para que o vadio me visse e não desanimasse. Pôs-se têrmo. Eu não tinha fôrças para mais. Abri as portas ao *condenado.*

Houve segunda operação de rapar e ensaboar, como fôra da primeira vez que êle nos apareceu, e entrou no regimento. Está no regimento. Estes os factos. Agora, a lição.

O rapaz podera ter entrado imediatamente, que assim aconteceu aos que êle houvera seduzido, depois de terem pedido perdão da sua falta, em acto de comunidade. Podera. Mas eu quiz que êle fôsse «mestre». Que désse uma lição aos tentados à fuga. Daí a *crueldade.*

Terá êle, o Veiga, sabido aproveitar o tempo de prova e tomar para si a lição que deu aos mais? Não sei. O garôto sabe de cór caminhos e encruzilhadas. Ama a vadiagem. Não espero que tenha a necessária formação interior de resistir às rajadas morais. Quem na tem? Nós, bem nascidos e bem creados, sucumbimos a cada passo;—que muito que um vagabundo sucumba!

Pelo muito que conheço da vadiagem, por tratar com vadios, estou em dizer que nem todos os havidos por criminosos o são. São doentes da alma, e como tais deveriam ser julgados.

Quem dera uma revisãosinha do nosso código penal!